

O MAL-ESTAR REGIONAL EM SÃO BERNARDO, O LUGAR MAIS IMPORTANTE DO MUNDO

Aline Brustulin Cecchin¹

João Claudio Arendt²

RESUMO

Baseado nos estudos literários regionais, este artigo analisa as personagens Dona Glória, Madalena e Paulo Honório apresentadas por Graciliano Ramos no romance *São Bernardo* (1934). O objetivo é perceber como elas se articulam diante do conflito com a região na qual estão inseridas. E, também, compreender como o mal-estar regional pode vir a compô-las a partir do contato com realidades diferentes, além de fazer emergir um processo de reflexão/humanização das personagens.

Palavras-chave: *São Bernardo*. Mal-estar regional. Região cultural. Regionalidade.

THE REGIONAL DISTRESS IN SÃO BERNARDO, THE MOST IMPORTANT PLACE IN THE WORLD

ABSTRACT

Based on regional literary studies, this paper analyzes the characters Dona Gloria, Madalena and Paulo Honório. They are presented by Graciliano Ramos in the novel *São Bernardo* (2005). The goal is to understand how are articulated the characters in the conflict with the region in which they operate and how the regional distress can come to compose them from contact with different realities, and bring out a process of reflection / humanization of the characters. Furthermore are discussed categories as regionalism, cultural region, and regionality.

Keywords: São Bernardo. Regional distress. Cultural region. Regionality.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo tem como objetivo analisar algumas personagens da obra *São Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos, tendo em vista o descontentamento delas em relação à região. Baseado nos estudos regionais, este texto propõe-se a mostrar através do texto literário as dificuldades de adaptação ao espaço cultural em que elas se encontram. No entanto, para isso, é preciso esclarecer alguns conceitos que compõem as reflexões, entre eles regionalismo, literatura regional, regionalidade e região cultural.

Ao pensar em Graciliano Ramos, é quase inevitável associá-lo ao termo “regionalismo”, fato considerado um equívoco por alguns estudiosos que têm se dedicado aos estudos regionais. No entanto, a herança deixada pelas Histórias da Literatura Brasileira faz com que venhamos nos dirigir para uma encruzilhada ao afirmarmos, por exemplo, que ao mesmo tempo em que *O sertanejo* (1876) e *O gaúcho* (1870), de José de Alencar, são romances regionalistas, também se pode considerar *São Bernardo* (1934) e *Vidas Secas* (1938) pertencentes ao mesmo projeto literário. As diferenças de tratamento temático nesses textos são facilmente percebidas, mas a inexistência de uma nova categoria para a identificação desses “regionalismos melhorados” acabou resultando na ampliação da dicotomia entre o regional e o universal.

Ao procurar informações sobre *São Bernardo* (1934), em obras de história da literatura, foram encontradas afirmações que tentam afastá-la do regionalismo, ou, até mesmo, justificar o equívoco cometido de inserir uma obra universal no âmbito regionalista. Vejam-se, nesse sentido, as afirmações de Sodré (1995), Moisés (1989) e Zagury (1971):

Minucioso e exato no traço, reconstituindo a paisagem física muito menos que a paisagem humana, mas mostrando na segunda a influência da primeira, como nos quadros da seca, Graciliano Ramos foi o narrador da decadência de uma classe, no meio nordestino, conseguindo superar pela sua vigorosa arte literária tudo o que o regionalismo tem de meramente superficial e externo. (SODRÉ, 1995, p. 558).

[...] decerto pressentimento, o esgotamento da temática regionalista evoluíra para um realismo menos terra a terra. (MOISÉS, 1989, p. 172).

[...] a crítica não estava preparada para recebê-lo (S. Bernardo). Era uma figura estranha daquele regionalismo, o lado contrário do regionalismo socialista. (ZAGURY, 1971, p. 56-57).

A partir dessas citações, observa-se que há o reconhecimento de que *São Bernardo* diferencia-se de muitas obras que pertencem ao regionalismo, no entanto, não se sabe como descrever/caracterizar o texto sem remeter a essa categoria. Bosi (2006) faz um avanço ao dizer que considerar os textos de Graciliano Ramos como regionalistas seria uma afirmação precária e falsa:

Daí parecer precária, se não falsa, a nota de regionalismo que se costuma dar a obras em tudo universais como *São Bernardo* e *Vidas secas*. Nelas, a paisagem capta-se menor por descrições miúdas que por uma série de tomadas cortantes; e a natureza interessa ao romancista só enquanto propõe o momento da realidade hostil a que a personagem responderá como lutador em *São Bernardo*, retirante em *Vidas Secas*, assassino e suicida em *Angústia*. (BOSI, 2006, p. 402).

Bosi (2006) percebe que não é possível vincular os textos de Graciliano Ramos ao regionalismo, mas, apesar do avanço reflexivo, ainda é difícil entender a que tendência essas obras “regionalistas desenvolvidas” ou “regionalistas de caráter universal” podem ser filiadas.

Pozenato (2003) faz uma diferenciação mais consistente entre os “textos regionalistas” e os de “caráter universal”, considerados pelo autor como literatura regional. Segundo ele, a literatura regionalista faz parte de um programa que tem como compromisso a exaltação/idealização do ambiente representado durante a narrativa. Já a literatura regional não possui um caráter idealizador, mas é configurada a partir de regionalidades, ou seja, de particularidades que possibilitam a identificação de uma região representada.

O conceito de regionalidades é complexo, no entanto, será brevemente abordado para atender as necessidades previstas neste trabalho. Entendem-se como regionalidades aquelas particularidades que compõem uma região cultural. Segundo Arendt (2012a), regionalidades são “especificidades que integram e constituem uma paisagem cultural – e aqui entendemos a região não como espaço limitado do ponto de vista dos seus significados, mas, ao contrário, como paisagem ampla, como potência cujo valor final é de precisão difícil” (2012a, p. 90).

Portanto, as regionalidades são o principal objeto de pesquisa para a identificação de uma região cultural. Além disso, consente o mesmo autor que uma região analisada pelo ponto de vista de suas particularidades regionais não restringe os seus significados, ou seja, o trabalho com as regionalidades pode multiplicar as possibilidades de significados e análises a serem realizadas acerca de determinada região.

As regionalidades não são apenas encontradas em textos literários regionais; essas especificidades também podem e certamente aparecerão em outras tipologias textuais que façam parte de um projeto regionalista. No entanto, a forma como as regionalidades serão abordadas poderá variar, sendo um texto do “regionalismo literário” vinculado a um projeto de exaltação de uma determinada região, e uma obra considerada “literatura regional” vinculada a uma tendência que não faça parte de um projeto de idealização da região.

Feita a diferenciação entre literatura regionalista e literatura regional, abordagem que tem envolvido alguns pesquisadores do tema da regionalidade, agora é preciso esclarecer como é entendida a região dentro dos estudos literários regionais. Normalmente, entende-se região como um espaço físico e, muitas vezes, rural. No entanto, a partir das reflexões de Pozenato (2003), Arendt (2012a) e Santos (2010), a região deve ser compreendida como um espaço cultural. Portanto, nem sempre as fronteiras físicas coincidirão com as fronteiras culturais da região. As regiões culturais podem alcançar diferentes âmbitos, dependendo do pesquisador e do seu viés de pesquisa. Um mapa linguístico, por exemplo, pode possuir fronteiras diferentes de um mapa literário de determinada região. A região cultural é, conforme afirma Pozenato (2003), como uma *rede de relações* que pode ser constituída a partir da homogeneidade de elementos culturais. Além disso, Arendt (2012a), baseado nos estudos de Barcia (2004), destaca que as contradições, os conflitos e as superposições entre elementos culturais também podem contribuir para a formação de uma região.

Assim como Pozenato e Arendt, Berumen (2005) acredita que as regiões são formadas por elementos socioculturais que colaboram para a identificação das diferentes regiões culturais. O autor destaca alguns aspectos que devem ser observados para essa identificação:

La región socio-cultural se reconoce a partir del conjunto de valores compartidos por los habitantes de un mismo territorio; por las formas de vida que identifican a una comunidad y la distinguen de las demás; por la existencia de un pasado histórico común; y, en fin, por todo aquello que da cuenta de la existencia de una identidad cultural y que se traduce en actitudes, tradiciones, costumbres, símbolos y creencias que son comunes a un grupo humano. (BERUMEN, 2005, p. 56).

Então, a região é entendida, neste artigo, como espaço cultural construído a partir de redes de relações entre os indivíduos que pertencem à determinada região cultural. Essas redes nada mais são do que a região praticada por aqueles que a compõem, sendo elas integradas por particularidades regionais (crenças, costumes, símbolos, formas de relacionamento...). Dessa forma, as regionalidades possibilitam o reconhecimento de uma determinada região cultural.

Destaca-se, ainda, que os elementos citados por Berumen (2005) não são necessariamente pertencentes apenas ao mundo rural, pois podem-se encontrar costumes, símbolos, formas de vida cotidiana em comum, entre outros, também no espaço urbano. Portanto, a região cultural na literatura não é necessariamente rural, podendo ser constituída em um espaço urbano. No romance em questão, *São Bernardo*, parte-se de uma região física *a priori*, o interior de Alagoas, mais especificamente a fazenda São Bernardo e, *a posteriori*, chega-se ao âmbito cultural da região, tomando-se como objeto de análise o comportamento das personagens, seus relacionamentos, seus modos de viver e seus conflitos. A partir da noção de região como um espaço cultural, e não físico, observa-se que há personagens plenamente satisfeitas com o ambiente no qual vivem, ao passo que outras sentem-se “peixes fora da água”, considerando-se aqui a região cultural na qual estão inseridas.

Arendt (2012b) destaca que esse descontentamento, denominado por ele como mal-estar regional, pode ocorrer em três diferentes âmbitos: “[...] a problemática do mal-estar na região pode ser visualizada sob a perspectiva 1) da crítica literária, 2) dos escritores e 3) das personagens representadas em obras literárias.” (2012b, p. 88). O mal-estar regional, ainda segundo Arendt (2012b), relaciona-se “com a tensão, a crise ou sentimento de desajuste entre personagens e valores socioculturais atuantes em um determinado espaço.” (2012b, p. 95). Sob esse viés, neste artigo, tem-se por objetivo analisar o mal-estar regional vivido pelas personagens Madalena, Dona Glória e Paulo Honório, as quais em diversas passagens de *São Bernardo* aparecem em evidente conflito com a região.

São Bernardo é narrado em primeira pessoa e compõe, em tom confessional, o relato de vida de Paulo Honório, um fazendeiro embrutecido, amargo e solitário que, aos 50 anos e diante de uma vida estagnada, decide escrever sua autobiografia. Nela, o narrador-personagem narra acontecimentos de sua vida que considera de maior relevância, como a compra de São Bernardo, no interior de Alagoas, fazenda em que era empregado quando jovem. Além disso, sobressai o seu casamento com Madalena, professora de escola pública e que vivia com sua tia, Dona Glória, na cidade de Alagoas, em uma situação econômica deplorável.

A partir dessa breve contextualização, é possível perceber, de forma básica, o enredo da obra. A análise será dividida em três partes: na primeira, o foco recairá sobre a personagem Dona Glória; na segunda, as reflexões estarão voltadas para Madalena; por fim, a leitura deter-se-á na personagem Paulo Honório.

2 DONA GLÓRIA

Nos anos 1930, Alagoas era um estado controlado pelos coronéis que dominavam praticamente todos os setores sociais, especialmente, o econômico. Os donos das fazendas enriqueciam ao forçar seus empregados a longas jornadas de trabalho, em troca de condições precárias de sobrevivência e baixos salários. Dona Glória que, na narrativa, mora na cidade, também vive em condições difíceis com sua sobrinha; no entanto, parece estar conformada com a penosa situação e com os seus “biscates”, e não deseja ceder ao convite de Paulo Honório de conhecer São Bernardo. Isso pode ser observado numa conversa entre Dona Glória e Paulo Honório:

- O senhor mora na capital?
- Não, moro no interior.
- Em Viçosa?
- É.
- Eu também, há pouco tempo. Mas cidade pequena... Horrível, não é?
- A cidade pequena? E a grande. Tudo é horrível. Gosto de campo, entende? Do campo.
- Mato? Santo Deus! Mato só para bicho. E o senhor vive no mato?
- Em São Bernardo.
- D. Glória não conhecia S. Bernardo, e essa ignorância me ofendeu, porque para mim S. Bernardo era o lugar mais importante do mundo.
- Uma boa fazenda. Não há lá essa água podre que se bebe por aí. Lama. Não senhora, há conforto, há higiene.
- D. Glória retificou a espinha, ergueu a voz e desfez o ar apoucado:

– Não me dou. Nasci na cidade, criei-me na cidade. Saindo daí, sou como um peixe fora da água. Tanto que estive cavando transferência para um grupo da capital. Mas é preciso muito pistolão. Promessas. (RAMOS, 2005, p. 85).

Na passagem transcrita, observa-se a incompatibilidade entre Dona Glória e o interior de Alagoas. Percebe-se que ela já morou no interior, mas, por não se adaptar, optou por mudar-se para uma cidade maior e agora anseia ir morar na capital. A ironia da personagem ao conversar com Paulo Honório deixa ainda mais evidente o conflito entre ela e o espaço rural dentro da narrativa.

Outro momento marcante é quando Dona Glória recebe a notícia de que sua sobrinha Madalena irá casar-se com Paulo Honório e morar em São Bernardo:

Procurei maneira de formular o pedido, mas perturbei-me e não atinei com o que devia dizer:

– D. Glória, comunico-lhe que eu e sua sobrinha dentro de uma semana estaremos embeirados. Para usar linguagem mais correta, vamos casar. A senhora, está claro, acompanha a gente. Onde comem dois, comem três. E a casa é grande, tem uma porção de caritós. D. Glória começou a chorar. (RAMOS, 2005, p. 107).

A insatisfação de D. Glória com a decisão da sobrinha de casar-se com Paulo Honório e ir morar com ele na fazenda fica nítida na atitude de começar a chorar. Em uma primeira leitura, essa atitude pode ser mal interpretada, como se ela estivesse chorando de alegria. No entanto, com o desenvolvimento do enredo, nota-se a infelicidade da personagem por não ter mais algo para se distrair (um trabalho, um programa diferente, pessoas para conversar etc.). Além disso, ao final da narrativa, após a morte de Madalena, D. Glória decide voltar para a cidade, pois, tamanha era a sua sensação de mal-estar, que ela abre mão do conforto recebido na fazenda (boa comida, água potável e sustento gratuito), para viver na cidade com, segundo Paulo Honório, todos os malefícios que ela oferece, como pagar aluguel, remédios e luz, e ingerir água poluída.

Toda a inquietação de D. Glória, expressa pelas suas ações irrelevantes para o desenrolar da narrativa, como ficar circulando de um lado para outro na casa, conversar com os funcionários da fazenda durante horário de trabalho e ler romances, é solucionada com a decisão de voltar a morar na cidade, mesmo que lá a vida seja mais rígida e precária. Dessa forma, entende-se que o conflito com o mundo regional do interior de Alagoas perturbava a velha senhora de tal modo, que

ela abandonou a fazenda e o que essa tinha a oferecer a alguém que já havia trabalhado uma vida inteira e era chegado o momento de descanso.

3 MADALENA

No romance, ao ser pedida em casamento, Madalena hesitou, pois não sabia se realmente queria casar-se com Paulo Honório. No entanto, o poder de persuasão do fazendeiro prevaleceu, e ela acreditou que, para o seu bem e o da tia, deveria casar-se com ele, mesmo sem conhecê-lo o suficiente. Após o casamento, Madalena e a tia foram morar em São Bernardo com Paulo Honório. Percebe-se que ambas, ao chegarem à fazenda, ficam impressionadas com a confortável casa em que iam morar, quando esperavam encontrar condições de vida não tão boas. Todavia, já na primeira semana de casamento, há um pequeno desentendimento entre Paulo Honório e Madalena, durante um dos jantares, quando ela indaga o senhor Ribeiro quanto ao seu salário e conclui que o velho deveria ganhar um ordenado maior. Isso pode ser observado no seguinte trecho:

– Quanto ganha o senhor, seu Ribeiro?
O guarda livros afagou as suíças brancas:
– Duzentos mil-réis.
Madalena desanimou.
– É pouco.
– Como? Bradei estremecendo.
– Muito pouco.
– Que maluqueira! Quando ele estava com o Brito, ganhava cento e cinqüenta a seco. Hoje tem duzentos, casa, mesa e roupa lavada.
– É exato, confessou seu Ribeiro. Não me falta nada, o que recebo chega.
– Se o senhor tivesse dez filhos, não chegava, disse Madalena.
– Naturalmente, concordou D. Glória.
– Ora gaitas! berrei. Até a senhora? Meta-se com os romances.
Madalena empalideceu:
– Não é preciso zangar-se. Todos nós temos as nossas opiniões.
– Sem dúvida. Mas é tolice querer uma pessoa ter opinião sobre assunto que desconhece. Cada macaco no seu galho. Que diabo! Eu nunca andei discutindo gramática. Mas as coisas da minha fazenda julgo que devo saber. E era bom que não me viessem dar lições. Vocês me fazem perder a paciência.
Joguei o guardanapo sobre os pratos, antes da sobremesa, e levantei-me.
(RAMOS, 2005, p. 115).

Na continuidade, lemos que Madalena tenta desculpar-se com Paulo Honório e, por alguns instantes na narrativa, o leitor acredita que as personagens irão se entender e superar suas diferenças. Porém, isso não acontece. As discussões

começam a ser mais frequentes, e os diferentes modos de pensar e agir vão se acentuando, até a situação tornar-se insustentável.

Os elementos que mais contribuíram para os desentendimentos entre o casal foi o fato de Madalena ter estudado e, portanto, fazer uma reflexão mais crítica sobre o que estava acontecendo tanto em São Bernardo, quanto no estado do Alagoas e no país como um todo. O segundo elemento a ser destacado é o espaço físico e cultural, ao qual Madalena não estava habituada e sentiu grandes dificuldades para se adaptar. Dentre algumas inquietações da professora, destacam-se a insatisfação com a falta de investimentos na escola local e o mau tratamento (torturas, baixos salários e condições precárias de sobrevivência) que Paulo Honório dava aos seus empregados. Levando em consideração a incompatibilidade entre o casal e a falta de adaptação de Madalena a São Bernardo, Paulo Honório deixou-se envolver por um ciúme desenfreado pela esposa. Observem-se, por exemplo, os trechos:

Procurei Madalena e avistei-a derretendo-se e sorrindo para o Nogueira, num vão de janela. (RAMOS, 2005, p. 155).

Começara a falar em política, levantara a cabeça, curiosa. E, com dois anos de casada, num vão de janela, desmanchava-se toda para ele.

Erguia-me, insultava-a mentalmente:

– Perua! (RAMOS, 2005, p. 159).

A infelicidade deu um pulo medonho: notei que Madalena namorava os caboclos da lavoura. Os caboclos, sim senhor.

Às vezes o bom senso me puxava as orelhas:

– Baixo o fogo, sendeiro. Isso não tem pé nem cabeça.

Realmente, uma criatura branca, bem lavada, bem vestida, bem engomada, bem aprendida, não ia encostar-se àqueles brutos escuros, sujos, fedorentos a pituim. Os meus olhos me enganavam. Mas se os olhos me enganavam, em que me havia de fiar então? Se eu via um trabalhador de enxada fazer um aceno a ela! (RAMOS, 2005, p. 178).

O narrador-protagonista alimenta esse sentimento paranoico que o leva a acreditar que Madalena o está traindo com outros homens, entre eles, o Nogueira, o doutor Magalhães e, até mesmo, os caboclos da fazenda. No entanto, essa premissa não é confirmada, pois Paulo Honório nunca perguntou de forma direta para Madalena e também não viu nada além de trocas de olhares e sorrisos deixando, assim, a questão em aberto para o leitor das suas memórias refletir a respeito.

O ciúme e a brutalidade do marido, além do seu descontentamento com a região cultural, são fatores que fizeram Madalena preferir a morte, a continuar

vivendo uma vida de angústia e mal-estar. A morte parece ser o auge do conflito entre a professora e a região cultural, já que, se a situação fosse passível de suportar, talvez ela encontrasse outra forma de superar o mal-estar e prosseguir a vida.

Durante a narrativa, é possível verificar que Madalena, além de sofrer psicologicamente por causa do desajuste com a região cultural, também sofre fisicamente, ao emagrecer muito com o passar dos meses. Nos trechos a seguir, ficam em evidência o desânimo e a prostração da personagem:

Na casa grande, que Tubarão e Casimiro Lopes guardavam, a vida era uma tristeza, um aborrecimento. D. Glória passava as tardes debaixo das laranjeiras, empalhando-se com brochuras e folhetins. Madalena bordava e tinha o rosto coberto de sombras. (RAMOS, 2005, p. 158).

No salão encontrei Madalena caída no sofá, acabrunhada. Enxugou os olhos à pressa:
– Por que foi aquela brutalidade? (RAMOS, 2005, p. 133).

Madalena ressonava. Tão franzina, tão delicada! Ultimamente ia emagrecendo. (RAMOS, 2005, p. 165).

Madalena chorava, chorava, até que por fim, cansada de chorar, pegava no sono. (RAMOS, 2005, p. 180).

Observa-se na obra que, da mesma forma que a desconfiança de Paulo Honório aumentava com o passar do tempo, também aumentava o mal-estar de Madalena no ambiente rural-regional. A pressão que o meio exerceu sobre Madalena foi tão intensa, que ela tirou a sua própria vida por não suportar a situação que ela definia, quase no final do romance, como “uma vida horrível” (RAMOS, p. 189, 2005), por causa das diferenças entre ela e o marido.

4 PAULO HONÓRIO

A *priori*, Paulo Honório não é uma personagem tomada pelo mal-estar em relação à região, tal como Dona Glória e Madalena. Isso pode ser observado na sua adequação às atitudes, símbolos, crenças, tradições e costumes pertencentes àquela região rural. No entanto, ao casar-se com Madalena, Paulo Honório começa a perceber que há diferenças entre eles que não podem ser ignoradas. A impossibilidade de esquecimento das divergências entre o casal é concretizada durante o romance, quando se descobre que os elementos divergentes compõem a

essência da vida de cada uma das personagens. Madalena é professora e tem uma postura crítica/reflexiva acerca da sociedade da época, dessa forma, procurando ajudar os menos favorecidos. Paulo Honório, por sua vez, é um fazendeiro que enriqueceu enganando e subordinando as pessoas, especialmente os mais pobres. Além disso, Madalena era amável, delicada e solidária, e Paulo Honório, ganancioso e bruto por causa de sua “alma agreste”.

Nessa perspectiva, observe-se o seguinte trecho: “Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste.” (RAMOS, p. 117, 2005). Além da brutalidade psicológica (da alma agreste) de Paulo Honório, percebe-se que essa rudeza também se reflete em seu aspecto físico:

Ocupado com o diabo da lavoura, ficava três, quatro dias sem raspar a cara. E quando voltava do serviço trazia lama até nos olhos: dêem por visto um porco. Metia-me em água quente, mas não havia esfregação que tirasse aquilo tudo.

Que mãos enormes! As palmas eram enormes, gretadas, calosas, duras como casco de cavalo. E os dedos eram também enormes, curtos e grossos. Acariciar uma fêmea com semelhantes mãos! (RAMOS, 2005, p. 164).

Nota-se que a vida na lavoura não lhe possibilitava cuidar-se fisicamente, fazendo-o equiparar-se a um animal. As mãos enormes simbolizam o trabalho prático, braçal, em contraponto à Madalena, que fazia o trabalho intelectual.

Paulo Honório decide contar a sua história como forma de reflexão e também como tentativa de entender os principais acontecimentos que contribuíram para a transformação sofrida durante toda a sua vida, fazendo-o quase não reconhecer a si próprio: “Desde então procuro descascar fatos, aqui sentado à mesa da sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café à hora em que os grilos cantam e a folhagem das laranjeiras se tingem de preto.” (RAMOS, 2005, p. 215).

No romance, fica em evidência que Paulo Honório, ao chegar aos cinquenta anos de idade, não se reconhece mais, porque o meio em que estava inserido provocou mudanças que só foram percebidas com o passar de muitos anos. Então, pode-se dizer que as influências que o protagonista recebeu através do seu contato com a região, aqui entendida tanto como região física quanto cultural, provocaram esse estranhamento de si mesmo. Nesse sentido, o último capítulo do romance

recompõe parte da angústia de Paulo Honório, após o compartilhamento com o leitor dos fatos da sua vida e a reflexão acerca deles. Este é o trecho mais marcante do último capítulo, em que aparece o grande mal-estar do narrador:

Com um estremecimento, largo essa felicidade que não é minha e encontro-me aqui em S. Bernardo, escrevendo.

As janelas estão fechadas. Meia-noite. Nenhum rumor na casa deserta.

Levanto-me, procuro uma vela, que a luz vai apagar-se. Não tenho sono.

Deitar-me, rolar no colchão até a madrugada, é uma tortura. Prefiro ficar sentado, concluindo isto. Amanhã não terei com que me entreter. Ponho a vela no castiçal, risco um fósforo e acendo-a. Sinto um arrepio. A lembrança de Madalena persegue-me. Diligencio afastá-la e caminho em redor da mesa. Aperto as mãos de tal forma que me firo com as unhas, e quando caio em mim estou mordendo os beiços a ponto de tirar sangue.

De longe em longe sento-me fatigado e escrevo uma linha. Digo em voz baixa:

– Estraguei a minha vida, estraguei-a estupidamente.

A agitação diminui.

– Estraguei a minha vida estupidamente.

Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos... Para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige.

A molecoreba de mestre Caetano arrasta-se por aí, lambuzada, faminta. A Rosa, com a barriga quebrada de tanto parir, trabalha em casa, trabalha no campo e trabalha na cama. O marido é cada vez mais molambo. E os moradores que me restam são uns cambembes como ele.

Para ser franco, declaro que esses infelizes não me inspiram simpatia. Lastimo a situação em que se acham, reconheço ter contribuído para isso, mas não vou além. Estamos tão separados! A princípio estávamos juntos, mas esta desgraçada profissão nos distanciou.

Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo.

Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins.

E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda a parte!

A desconfiança é também conseqüência da profissão.

Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacuna no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes.

Se Madalena me via assim, com certeza me achava extraordinariamente feio.

Fecho os olhos, agito a cabeça para repelir a visão que me exhibe essas deformidades monstruosas.

A vela está quase a extinguir-se.

Julgo que delirei e sonhei com atoleiros, rios cheios e uma figura de lobisomem.

Lá fora há uma treva dos diabos, um grande silêncio. Entretanto o luar entra por uma janela fechada e o nordeste furioso espalha folhas secas no chão.

É horrível! Se aparecesse alguém... Estão todos dormindo.

Se ao menos a criança chorasse... Nem sequer tenho amizade a meu filho. Que miséria!

Casimiro Lopes está dormindo. Marciano está dormindo. Patifes!

E eu vou ficar aqui, às escuras, até não sei que hora, até que, morto de fadiga, encoste a cabeça à mesa e descanse uns minutos. (RAMOS, 2005, p. 219-221).

O longo trecho transcrito representa as últimas reflexões de Paulo Honório antes de terminar a escrita das suas memórias. É possível observar a angústia que toma conta do narrador diante de uma vida com mais erros do que acertos. No entanto, o que mais perturba a personagem é a consciência de que não é possível consertar os equívocos do passado, e, mesmo que no futuro ele quisesse agir de forma diferente, admite que não poderia mudar, pois o agreste moldou seu jeito egoísta e cheio de brutalidade.

Essas reflexões finais simbolizam, em suma, a humanização de Paulo Honório, que durante grande parte da narrativa apresentou-se como um coronel rude e abusivo. No desenrolar do romance, os conflitos da personagem, especialmente a suspeita de adultério da esposa, encaminham a narrativa para uma humanização, provocada pelo mal-estar diante da vida e, principalmente, diante do mundo rural-regional que teve papel decisivo nas tomadas de decisões, nos sentimentos, nas atitudes, enfim, no resultado final de sua vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível observar nesta análise, o sentimento de mal-estar regional está representado na obra através das personagens Dona Glória e Madalena. O conflito entre elas e a região interiorana de Alagoas fica evidente nas suas ações de rejeição e subversão da região. Alguns acontecimentos, como a saída de Dona Glória de São Bernardo e a opção pela morte feita pela própria Madalena, ao tomar veneno, são marcantes no romance e destacam o conflito entre as personagens e a região em que estavam inseridas.

Paulo Honório sente-se, no princípio, inteiramente parte de São Bernardo. No entanto, ao conviver com Madalena, ele nota que há muitas diferenças entre o casal, porque ambos são oriundos de mundos diferentes. Esses elementos divergentes causam discussões entre o casal e fazem emergir, de forma desenfreada, um sentimento de ciúmes de Paulo Honório em relação à esposa. A angústia e os conflitos do narrador contribuem para que ele escreva a sua história e passe a refletir sobre ela. Dessa forma, durante o desenvolvimento do texto, percebe-se a humanização da personagem que também finda em um conflito com a região que, segundo ele, moldou o seu modo de agir e pensar.

Portanto, assim como Arendt (2012b) apresenta exemplos de personagens que estão em conflito com suas regiões (Belmiro, Ester e Blau Nunes), em *São Bernardo* isso também pode ser observado em relação a Dona Glória e Madalena. Além disso, há personagens que são adeptas de forma “natural” e inconsciente aos costumes, crenças e símbolos da região, mas o contato com realidades diferentes promove a sua conscientização/humanização. E, apesar de São Bernardo ser “o lugar mais importante do mundo”, Paulo Honório entrega-se definitivamente ao mal-estar regional, no final do romance.

NOTAS

¹ Aluna do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, na Universidade de Caxias do Sul.

² Doutor em Lingüística e Letras (Teoria Literária) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Possui Estágio Pós-doutoral no Instituto Latino-americano da Universidade Livre de Berlim. Atualmente Coordena os Programas de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul e de Doutorado em Letras Associação Ampla UCS/Uniritter.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, João Claudio. Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais. *Revista Rua*, Campinas, n. 18, p. 82-98, nov. 2012a.

_____. O mal-estar na região: Belmiro, Ester e Blau. *Nonada Letras em Revista*. Porto Alegre, ano 15, n. 19, p. 85-95, 2012b.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1989.

POZENATO, José Clemente. *Processos culturais*. Caxias do Sul: Educs, 2003.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 81. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SANTOS, Rafael José dos. Relatos de regionalidade: tessituras da cultura. *Antares*, Caxias do Sul, n. 3, p. 2-24, jan/jun 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

ZAGURY, Eliane. Graciliano Ramos e o Modernismo Clássico. In: _____. *A palavra e os ecos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.